

# **O FAXINEIRO E O EXECUTIVO**



# O FAXINEIRO E O EXECUTIVO

Como uma amizade  
inesperada pode mudar a  
vida das pessoas

**TODD HOPKINS  
& RAY HILBERT**

Tradução de  
Rafael Mantovani



THOMAS NELSON BRASIL

Rio de Janeiro  
2008

Título original: *The janitor*

Copyright © 2007 por Todd Hopkins and Ray Hilbert  
Edição original por Thomas Nelson, Inc. Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © Thomas Nelson Brasil, 2008.

SUPERVISÃO EDITORIAL	Nataniel dos Santos Gomes
ASSISTENTE EDITORIAL	Clarisse de Athayde Costa Cintra
TRADUÇÃO	Rafael Mantovani
CAPA	Valter Botosso Jr
COPIDESQUE	Silvia Rebello
REVISÃO	Margarida Seltmann
	Magda de Oliveira Carlos Cascardo
	Cristina Loureiro de Sá Neves Motta
PROJETO GRÁFICO	Julio Fado
E DIAGRAMAÇÃO	

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

H766g

Hopkins, Todd

O gerente e o faxineiro: como uma amizade inesperada pode mudar a vida das pessoas/Todd Hopkins & Ray Hilbert; [tradução de Rafael Mantovani]. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

Tradução de: The janitor  
ISBN 978-85-6030-366-3

1. Homens de negócio. 2. Sucesso nos negócios. I. Hilbert, Ray.  
II. Título.

08-0381.

CDD: 248.88

CDU: 248.12

---

Todos os direitos reservados à Thomas Nelson Brasil  
Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso  
Rio de Janeiro — RJ — CEP 21402-325  
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313  
[www.thomasnelson.com.br](http://www.thomasnelson.com.br)

A todos os executivos e executivas,  
seus maridos e esposas,  
e faxineiros Bob do mundo inteiro.



## *Introdução*

Bob Tidwell bateu com as mãos nos joelhos e levantou-se da cadeira em um movimento ágil para um homem da sua idade. Enfiou o toco de lápis na espiral de seu pequeno caderno, recolheu da mesa sua caneca, seu saquinho de chá e sua colher, e limpou a mesa com papel toalha e spray. Jogou o saquinho de chá no lixo, lavou a caneca e a colher com bastante espuma e os acomodou no escorredor da pia, na cozinha dos escritórios da Triple A Enterprises.

— Pronto! — ele disse, como se estivesse admirando um jardim que acabara de podar.

Saindo da cozinha e avançando pelo corredor, ele admirou uma série de grandes fotografias emolduradas, mostrando grupos de funcionários da Triple A posando com orgulho junto à sua linha de produtos e peças de metal. Alguns dos objetos Bob não reconhecia; pareciam peças que serviriam em algum tipo de máquina, mas outros eram realmente im-

pressionantes, como a foto dos balaústres decorativos personalizados, instalados no opulento lobby do novo museu de arte moderna. A imagem incluía um grupo de cinco homens de capacete e camisa com o logotipo da empresa, sorrindo para a câmera. Pareciam estar muito contentes com sua conquista.

Bob começou a cantar uma ária de sua ópera favorita, trocando as palavras de que não se lembrava por um tralalá, até chegar à parte da letra de que se recordava. Às vezes, a lembrança da música original em sua mente era tão bela que Bob ficava com os olhos marejados. Vendo que a luz ainda estava acesa a esta hora da noite na sala do CEO, Bob automaticamente pensou na ária de Puccini, “*Nessun dorma*”, da ópera *Turandot*.

— *Nessun dorma, nessun doooorma* — ele cantou, empurrando o carrinho organizado que continha todo o seu arsenal de limpeza, as suas ferramentas de trabalho.

— *Tu pure, o Principessa, Nella tua fredda staaaaanza* — ele continuou enquanto limpava e espanava mesas e computadores com mão confiante.

— *Guardi le stelle, Che tremano d’amore.* — Ele pôs a mão no coração. — *E di speraaaaanza.*

De repente, uma voz quebrou a concentração de Bob.

— Bela voz! — disse o CEO, postado na entrada de sua sala.

— Desculpe. Incomodei você? — Bob perguntou, educado.

— Não. Na verdade eu estava gostando. Você parecia feliz. É uma ópera? — ele perguntou, escorando sua figura elegante e bem-vestida no batente da porta.

— É, Puccini.

— O que diz a letra?

— Ora, é em italiano. Não sei se é exatamente isto, mas é mais ou menos assim:

Ninguém durma, ninguém durma...

Tu também, ó Princesa,

no teu quarto frio,

Olha as estrelas,

Que tremem de amor

E de esperança.

O CEO riu.

— Parece comigo — ele disse. — Na minha sala fria, sem dormir... só que eu não sou uma princesa.

— É... e a sala não é fria — Bob disse, dando uma risada breve.

— E as estrelas não reservam nenhuma esperança para mim. — O CEO baixou os olhos para os próprios sapatos.

Bob ficou surpreso com essa revelação de uma pessoa que ele só tinha visto de passagem nas noites de segunda, quando limpava o escritório da Triple A.

— Lamento saber disso. Não quero invadir sua privacidade, mas... — Bob hesitou. Aquele homem parecia tão jovem... mas continuava sendo o patrão.

— Pois é, preciso ir para casa. Nem acredito que já é tão tarde. — O moço bem-apegoado deu de ombros e voltou para dentro de sua sala.

Bob continuou seu movimento rítmico de limpar e esfregar. Em um dos teclados de computador, encontrou um chocolate com um *post-it* grudado. Dizia: “Bob, obrigada por limpar minha mesa apesar da bagunça que deixei na segunda

passada. Você é um anjo, Becky.” Bob guardou o chocolate no bolso da camisa e sorriu. Becky era a assistente executiva do CEO. Tinha deixado uma bela bagunça, e Bob tinha passado dez minutos a mais só para limpar a mesa dela e depois ter o cuidado de pôr tudo de volta exatamente onde estava. Ele tinha deixado um *post-it* para Becky, dizendo que esperava não ter tirado nada do lugar. Bob só a conhecia da foto de casamento que havia na mesa dela, pois Becky saía muito antes de ele começar a limpeza. Ela parecia simpática; seu sorriso era cheio de luz. Bob pensou que o marido dela devia ser um homem de sorte.

A luz se apagou na sala do CEO, e o rapaz acenou um tchau educado para Bob ao entrar no elevador. Bob sentiu um pouco de pena dele.

*O que faz um moço bonito, dono de uma empresa tão bem-sucedida, achar que não existe esperança?*

Ele cantou o próximo verso da ária de Puccini a plenos pulmões agora que estava sozinho.

— *Ma il mio mistero è chiuso in me...*

*É isso mesmo*, pensou Bob, lembrando da tradução: *Mas meu segredo está escondido dentro de mim.*

## *Capítulo 1*

Nas duas segundas-feiras seguintes, Bob notou que a luz ainda estava acesa na sala do jovem CEO, mas fez questão de não incomodar o rapaz ocupado. Esperou o CEO sair para limpar a elegante sala do executivo. Nesta segunda, Bob estava apenas começando a preparar sua caneca de chá verde antes de dar início à sua bem coreografada rotina de limpeza, que passava pelo escritório inteiro, de cima a baixo sem parar, em duas horas exatas. Depois de se aposentar de sua próspera carreira nos negócios, Bob tinha aceitado esse trabalho como maneira de sair de casa e continuar ativo, e ao mesmo tempo fazer algo de útil.

Bob transformava o trabalho quase em uma bateria de exercícios. Ele descobriu que, na verdade, gostava do trabalho manual, que liberava sua mente para dar forma aos pensamentos. Desde que Alice morrera, dois anos antes, a noite era o horário mais difícil para ele, pois era à noite que eles geralmente sentavam para conversar sobre os acontecimentos do

dia. Era nessas pequenas coisas que ele mais sentia saudade de Alice — o cheiro dela no travesseiro, seu jeito de dobrar o jornal dele de manhã para que ele visse os quadrinhos antes das notícias (*ler notícias ruins logo de manhã com certeza faz mal para o coração*, ela dizia). Alice era doce, esperta e muito carinhosa. Eles viveram uma agradável e longa vida juntos e tiveram três crianças lindas que geraram o presente mais maravilhoso que o tempo pode trazer — três netos sadios e alegres.

Enquanto esperava a água ferver, Bob fez algumas anotações no caderninho laranja que sempre carregava consigo. A porta se abriu atrás dele, e o jovem CEO entrou, carregando uma caneca vazia.

— Boa noite, Sr. Kimbrough — disse Bob.

— Por favor, me chame de Roger. Desculpe, eu nunca soube o seu nome — o rapaz respondeu.

— Bob Tidwell — Bob disse com um aceno de cabeça, levantando para preparar o chá.

— O que você está escrevendo, Bob?

— Oh, é só um hábito que eu tenho. Fico escrevendo e reescrevendo as mesmas anotações, tentando deixá-las na formulação perfeita. Faz dois anos que faço isso — Bob apontou para a caneca vazia de Roger. — Quer que eu pegue alguma coisa para você?

— Eu pego. Você sente aí e me fale mais sobre ópera. O que você bebe?

Bob achou divertida a inversão de papéis.

— Chá verde. Faz bem à saúde.

— Está bem. Então vou beber chá verde também.

Bob sentou-se; Roger serviu duas canecas fumegantes de chá verde e entregou uma a Bob. Ele sentou-se do outro lado da mesa e esfregou o nariz.

— Cansado? — Bob perguntou.

— Puxa, estou exausto — ele disse.

— Percebi que muitas vezes você trabalha até tarde

— Bob arriscou.

— Não só uma vez ou outra, é sempre assim. Eu praticamente moro neste escritório. Antigamente eu gostava bastante.

— Mas não gosta mais?

— Não sei. Parece que estou vivendo para trabalhar. Eu chego em casa e encontro minha mulher e minhas filhas já dormindo. No fim de semana, ou tenho algum evento para ir ou passo metade do tempo falando ao telefone. Não consigo ficar muito com elas.

— Que pena. Elas crescem tão rápido — Bob comentou.

— Você tem filhos? — Roger perguntou.

— Tenho. Dois filhos e uma filha. Todos já são crescidos; e tenho três netos.

— Tem fotos deles?

— Claro. Você vai se arrepender de ter perguntado! —

Bob sacou sua carteira, que tinha uma cartela dobrável com uma foto para cada um dos membros da família. A primeira era de Alice.

— Essa é sua esposa?

— É, essa é Alice. Ela faleceu há dois anos — Bob comprimiu os lábios.

— Sinto muito — disse Roger.

— Obrigado. Todo dia eu sinto a falta dela. É o amor da minha vida. Fomos muito felizes juntos.

— É mesmo? Não são muitas pessoas que podem dizer isso hoje em dia — Roger pareceu surpreso.

— Pois é. Alice era uma mulher fantástica. Era uma grande companheira, uma boa mãe e uma pessoa muito sábia.

Foi ela que me fez gostar de ópera e de música clássica. Ela se interessava por tudo. Gostava de cozinhar pratos exóticos para nossos amigos e tornava belas até as coisas mais simples. Ela me ensinou a viver. É por isso que estou escrevendo estas notas. Estou tentando lembrar as seis diretrizes de Alice para viver uma vida feliz em casa e no trabalho; sigo corrigindo até chegarem à forma perfeita.

— Parece interessante. Por que seis? — Roger ficou intrigado.

— Não faço idéia! Isso você precisaria perguntar a ela — Bob deu um risinho feliz. — Mas garanto que funcionam.

— Posso ler as seis diretrizes? — Roger perguntou, apontando para o caderninho laranja.

— Oh, não... ainda não estou nem perto de terminar — Bob respondeu, devolvendo o caderno para o bolso da camisa.

— Vamos, Bob — Roger provocou. — Eu bem que precisava de uma ajuda.

— É mesmo? — Bob pensou por um instante. — Você está mesmo interessado?

— Bem... acho que, neste ritmo em que estou, ou minha mulher vai me deixar e levar as crianças e metade das minhas posses ou, ainda pior, vou ter um ataque cardíaco prematuro e bater as botas bem aqui no escritório.

— É tão ruim assim? — Bob perguntou em uma voz mais branda.

— Deixe-me dar um exemplo de como é minha vida. Na semana passada, foi aniversário de trinta e um anos da minha esposa — disse Roger. — Eu prometi que íamos a um jantar romântico, só nós dois. Até fiz reservas. Então esqueci. Quando cheguei em casa, ela já estava dormindo. Havia um

enorme buquê de flores na mesa da entrada, com um cartão assinado por mim. Só que não tinha sido enviado por mim. Becky, minha assistente, tinha lembrado e mandado as flores no meu nome. Ela também tinha tentado me avisar, mas meu celular estava desligado.

Roger continuou.

— Eu estava justamente fechando um acordo com um grande cliente chinês. Fazia meses que eu estava trabalhando naquele acordo. A reunião estava marcada para o dia anterior, mas o vôo dos representantes chineses foi cancelado, e por isso eles chegaram com um dia de atraso. Precisei mudar todas as minhas reuniões na última hora. Foi uma correria maluca, e na mesma noite os chineses iam embora para outra cidade. Eu os levei para jantar, juntamente com um tradutor, e acabei assinando os papéis no aeroporto, pouco antes de eles embarcarem no vôo. Foi tudo tão rápido... Lembro-me de ter voltado para casa dirigindo meu carro de luxo, me sentindo o Super-Homem. Então, quando vi as flores e me dei conta de que tinha esquecido o aniversário da minha esposa, senti falta de ar. Ela não fala comigo desde esse dia. Está vendo, Bob? Eu sou um verme.

— Não é — Bob disse.

— Não?

— Para mim você parece muito humano; só está trabalhando demais.

— Eu não sei mais por que estou fazendo isto. Minha casa virou um campo de batalha. Às vezes, me sinto morando com uma estranha, que só me deixa ficar ali para pagar os cartões de crédito.

— Puxa, acho que você precisa das seis diretrizes — Bob pensou por um instante e tomou uma decisão. — Está

bem. Dê-me uma semana e trago a primeira pronta para você na segunda que vem. Aposto que em seis semanas, com uma diretriz por vez, você pode dar uma guinada na sua vida e voltar a aproveitar a família e o trabalho.

— Não quero ser chato, Bob, mas neste exato momento isso me parece impossível.

— Mas você não queria ler as seis diretrizes agora há pouco? — Bob sacudiu o caderninho laranja no ar.

— Está bem. Agora você me deixou intrigado. O que eu preciso fazer? — Roger perguntou, sorrindo pela primeira vez.

— Assim é melhor — Bob retribuiu o sorriso. — Basta você me preparar uma caneca de chá verde toda segunda e eu chego meia hora mais cedo para compartilhar as anotações com você. Mas preciso de tempo para trabalhar nelas, por isso apenas uma diretriz por semana. Combinado?

— Combinado. — Então, apontando para a caneca vazia, Roger ainda disse: — Aliás, é bom que esse chá seja mesmo bom para a saúde. Como é amargo!

Os dois caíram em uma risada descontraída e cada um voltou ao seu trabalho. Bob foi limpar a empresa e Roger foi administrá-la.